

*50 ANOS DA UISG:
ENTRE PASSADO E PRESENTE*

UISG BOLETÍN

NÚMERO 159, 2015

APRESENTAÇÃO	2
50 ANOS DA UISG: ENTRE PASSADO E PRESENTE	4
<i>Ir. Grazia Loparco, FMA</i>	
UM OLHAR AO NOSSO PASSADO	13
<i>Ir. Josune Arregui, CCV</i>	
PERITOS EM COMUNHÃO?	21
<i>Ir. Marie Laetitia Youchtchenko, OP</i>	
HÁ UMA MÍSTICA DAS FRONTEIRAS? QUE FRONTEIRAS TEM QUE ATRAVESSAR A VIDA RELIGIOSA?	28
<i>Ir. Pepa Torres Pérez, Ap.C.J.</i>	
A VIDA NA UISG	38

APRESENTAÇÃO

A celebração do 50º aniversário da UISG é o fio condutor que anima este último troço de 2015 e vai durar até a próxima Assembléia Plenária em Maio de 2016. É essa perspectiva de 50 anos que hoje permite-nos agradecer a coragem das religiosas que empreenderam uma empresa de tal magnitude que é a UISG, à comprometer-nos com os desafios de hoje e confiar no futuro com uma esperança activa.

Em primeiro lugar nós apresentamos *50 anos da UISG: entre passado e presente*, uma síntese da **Ir. Grazia Loparco** na que aponta os temas que abriram o diálogo entre a Vida Religiosa e a Igreja e que, em maior ou menor grau, continuam a ser motivo de encontro e de reflexão dos nossos tempos: o primeiro centra-se no papel das mulheres na Igreja; embora não se negam os progressos realizados, o percurso ainda não acabou, porque a vida religiosa feminina continua a executar tarefas de serviço e acção sem participar na tomada de decisões; além disso, ainda permanecem dentro do âmbito de subordinação e substituição. O segundo analisa a relação entre a Vida Religiosa e a Cúria Romana; também aqui foram criados canais de encontro e participação com a Congregação dos Religiosos, mas continua a apelar por uma maior abertura aos tempos, além das regras e regulamentos, que suscite uma nova criatividade da vida religiosa fiel ao carisma de seus fundadores. Por último, a relação com os bispos que devia de ser de mútua colaboração e confiança, para que haja um conhecimento e apreciação da vida religiosa como testemunho de vida cristã na comunidade local, em contínua renovação e adaptabilidade às necessidades, flexível em si mesma.

Na mesma linha, a **Ir. Josune Arregui** oferece-nos *Um olhar ao nosso passado*, a sua leitura pessoal a partir de um olhar crítico sobre estes 50 anos de história da UISG que correm paralelamente à renovação anunciada pelo Concílio Vaticano II e que mostram o contraste entre a ousadia das religiosas e a imobilidade das estruturas eclesiais. A partir de sua experiência como secretária executiva da UISG durante quatro anos, a irmã Josune aponta as conquistas que a UISG tinha ido conseguindo e a renovação constante, onde está situada a vida religiosa feminina desde há muitos anos, conscientes da necessidade de apresentar uma identidade fiel e criativa para ser testemunho evangélico num mundo cambiante.

A continuação a **Ir. Marie Laetitia Youchtchenko** retoma as palavras do Papa Francisco convertendo-as em pergunta: *Peritos em comunhão?* Se bem a graça da vida comunitária não está isenta das dificuldades próprias das relações humanas, aqui somos convidados a deixar que nos acolham, que nos ajudem, que nos interpelem, deixar que o outro dê o melhor de si mesmo ... Esta

é a melhor acolhida que se pode oferecer, a que o próprio Senhor nos dá, em cada Eucaristia.

A imigração e as fronteiras físicas questionam hoje as grandes instituições mundiais e locais, mas também as famílias e todos os homens e mulheres de boa vontade. **A Ir. Pepa Torres** dá um passo mais avante: *Há uma mística das fronteiras? Qué fronteiras tem que atravessar a vida religiosa? A vida religiosa não pode manter-se à margem desta realidade tão próxima, deve cruzar as fronteiras, sejam quais forem; implicar-se, “ensujar-se”, ser mal vista... e estar aí aonde a urgência humana reclama gestos de assistência, bondade e perdão. Não podemos permitir a injustiça humana e social, a denuncia que a vida religiosa pode fazer está aí, na sua presença, encarnando-se nas situações de “fronteira”, “ir para as periferias” nas palavras de Papa Francisco .*



50 ANOS DA UISG: ENTRE PASSADO E PRESENTE

Ir. Grazia Loparco, FMA

Por ocasião do 50º aniversário da UISG (1965-2015), nós tínhamos começado um trabalho de pesquisa histórica sobre os primeiros cinquenta anos de vida da União. A pesquisa foi confiada à Irmã Grazia Loparco, FMA. Os dados serão coletados num volume que será apresentado à Assembléia Plenária de 2016. Em antecipação a este, queríamos oferecer três artigos extraídos da obra de Irmã Grazia e publicada no L'Osservatore Romano durante este ano comemorativo.

Irmã Grazia Loparco é Docente de História da Igreja na Faculdade Pontifícia de Ciências da Educação "Auxilium" de Roma e Consultora histórica da Congregação para as Causas dos Santos.

Original em Italiano

Novo humanismo. Religiosas como recurso para uma revolução cultural

L'Osservatore Romano, 7 de Maio de 2015, p. 5

A propósito das religiosas, a leitura de algumas páginas um pouco amareladas pode reservar algumas surpresas. Inspiremo-nos nas pistas traçadas por Marcello Carvalho de Azevedo, SJ. Ele examinou os motivos pelos quais na Igreja, em princípio, as mulheres são tão reconhecidas iguais aos homens, de acordo com o Evangelho; mas o contacto do cristianismo com as culturas fez-lhe perder a liberdade e flexibilidade, ancorando-se em atitudes anti-feministas. O Jesuíta lamentou sobre a disparidade entre o potencial da quota numérica das religiosas com respeito aos religiosos, e a realidade de sua contribuição eclesial. A lista de causas demonstra: opções vocacionais pouco claras; neutralização dos valores e qualidades naturais das religiosas, por circunstâncias estruturais da vida religiosa feminina, com o efeito de truncar o desenvolvimento pessoal; pobre educação cultural de muitas; falta de um programa de formação profissional e de preparação para exercer funções adequadamente,

com consequências negativas para as pessoas e a missão; falta de preocupação de dar uma base sólida para a vida religiosa, sem limitar-se ao aspecto espiritual, moral, consuetudinário; visão individualista da perfeição e da salvação, que conduz à atitudes pietistas ou quietistas ou, inversamente conflitos e dicotomias; acentuada falta de informação sobre o mundo, sobre as suas transformações e problemas que afectam a vida religiosa, mesmo acreditando de viver separadamente.

Algumas pistas revelam como constante a masculinização da vida religiosa feminina: fundamentos nos quais prevalece a influência masculina, então o conceito de vida religiosa continua a ser muito condicionada; a codificação e processamento de leis como apenas cópias de um modelo masculino, sem integração e ênfase feminino; orientação espiritual, retiros, cursos e estudos com forte preponderância masculina, aceite acriticamente; forte influência sobre as decisões e à administração dos bens, especialmente nas congregações em ambos ramos, com a reprodução de critérios, do investimento, de maneiras de proceder; aspectos da vida diária, começando pelo facto do corte de vestuário assexuada até aos costumes comunitários, onde sacrificam-se os valores femininos em nome do ascetismo concebidos em modo masculino; dócil submissão aos ditames de qualquer origem (director espiritual, superior, bispo ...) não tanto por causa do valor das motivações, mas pelo próprio facto de ser um homem (é a mesma coisa dizer que uma mulher tem menos valor). O erro está na sujeição das religiosas, não, obviamente, na colaboração.

O costume comum que institucionaliza a subordinação e a passividade das religiosas, traduz-se em alguns indicadores: aceitação acrítica da hegemonia masculina; sutil desprezo para as mulheres e as religiosas em particular, confiando a sua formação em pessoas menos preparadas, estimando que para elas tudo está bem; atitude paternalista ou pseudo afectuoso traduzido em atenções, diminutivos, frases feitas, ou ao contrário exigências e posturas duras e autoritárias, que são formas refinadas de humilhação; convicção de infantilismo permanente das religiosas, incapazes de decidir, administrar, desempenhar uma tarefa importante; falta de reconhecimento de suas maneiras de ver os problemas, daí a falta de participação das mulheres nas esferas eclesiais de tomar decisões para todo o povo de Deus, e ainda mais, no plano concreto da vida religiosa; ou na admissão da sua presença apenas em ocupações práticas e de natureza domésticas; fruição dos serviços das religiosas, mesmo para o trabalho pastoral, como mão de obra gratuita ou barata, sem garantias de velhice e nem ser sequer se menciona esse problema; conceito persistente de uma clausura que dá aos conventos a triste imagem para perceber a marginalização das mulheres pela Igreja.

O relator também indica sinais promissores de mudança: evolução da mentalidade social em relação às mulheres; a gradual toma de consciência também pelas religiosas; desenvolvimento cultural e profissional de muitas delas; evolução teórica na Igreja principalmente depois do Concílio Vaticano II; evolução prática e inevitável da Igreja diante do crescimento da escassez de agentes, pelo qual as mulheres e especialmente as religiosas são responsáveis como substitutas. A passagem de desprezo secular à valorização económica nem sempre é guiada pelo conceito evangélico de igualdade, pelo contrário, é uma nova versão actualizada da hegemonia masculina. Ela se manifesta quando as irmãs são obrigadas a ir nas paróquias como suplentes (na catequese, nas práticas burocráticas, na assistência...); nas manipulações dos grupos de trabalho em que os homens pensam e as mulheres tiram as consequências práticas, arriscando-se mais; na disputa de prioridade entre a inserção na Igreja local e a disponibilidade das religiosas a toda a Igreja (nas Congregações internacionais); no estilo laudatório da natureza particular das mulheres, pelo qual elas iriam a continuar em aceitar que os homens, sozinhos, continuassem a levar avante o negócio.

Padre de Carballo espera que também no nível canonico se deixara espaço para a expressão carismática de cada instituto, evitando a homogeneização; pensar que os institutos religiosos fossem como os organismos especializados para diferentes campos é menosprezar-lhes à acção, enquanto o seu ser é a sua maior contribuição para a Igreja. Enfatizar o processo legislativo faz perder a inspiração original. Além das dioceses, interessadas na acção, também a Sagrada Congregação para os Religiosos pode afectar a vida de quantos se limitam em levar a cabo as suas disposições. Porque por sua natureza, a Congregação lida com aspectos funcionais, legais, jurídicos e operacionais, estas prioridades prejudicaria a tarefa própria de cada instituto para redescobrir e definir o seu carisma.

A renovação das religiosas está relacionada com à sua evolução como mulher dentro da Igreja e do mundo. Isto leva-nos a repensar sobre a vida comunitária: os adultos não devem ser tratados como menores; a atenção para a centralização da autoridade e por outro lado a uma democratização disfuncional de obediência. Em várias congregações operam-se mudanças radicais em coisas superficiais, enquanto continuam com os princípios que são válidos para outras épocas e culturas; de aí as patologias anacrônicas.

Sobre as vocações, o Jesuíta observa que com frequência em ambientes urbanos os jovens assumem autonomia e alguma independência económica da família; a universidade permite-lhes o análise da realidade, tornando-

os mais exigentes e críticos, abertos e livres diante dos colegas e autoridades. Este tipo de jovens dificilmente estariam bem nos ambientes onde pretende-se a perpetuar a figura superada da mulher. Às vezes os Institutos favorecem “a imigração religiosa” de jovens de outros contextos culturais, para apoiar as obras que deviam ser fechadas. É a primazia da obra sobre a pessoa. Nos países em desenvolvimento, pode verificar-se uma busca de vocações em ambientes simples, recrutando meninas dóceis e inexperientes com o pretexto de promoção. Em alguns casos, no entanto, recusam as jovens, para ficarem tranquilas, encaminhando-se a declinar para uma espécie de “contracepção vocacional”.

Uma perspectiva pró-activa brota do aprofundamento ontológico-teológico sobre o masculino-feminino. Para implementar a igualdade e libertação das mulheres da subordinação, é indispensável uma concomitante libertação do homem da sua pretensão de dominação e hegemonia. O esforço comum requer a colaboração, sem ceder às exigências que denotam a fragilidade de alguns feminismos. A vida religiosa feminina precisa de estar consciente da dignidade das mulheres a fim de projetá-la para novas perspectivas na missão e para ajudar as outras mulheres. Isto não é masculinizar as mulheres, mas é cooperar. Em vez disso, da apriorística dicotomia entre tarefas confiadas aos homens e as mulheres, a responsabilidade deve ser desempenhada de acordo com a sua natureza.

A institucionalização do processo de desumanização ligada ao progresso marcadamente masculino, como uma erosão do ser humano, poderia ser reequilibrada com a busca de formas de civilização verdadeiramente humanas. Esta seria uma revolução cultural, não uma revolução das mulheres, para fazer emergir o ser humano na sua totalidade. É atingir a original concepção cristã da mulher, que os homens foram capazes de sufocar por longo tempo e que, em vez disso pode renovar a sociedade e a Igreja.

Estas reflexões oferecidas na Assembléia de quase 500 Superiores Gerais (UISG), em 1975, felizmente são caducados em muitos aspectos, mas não para os outros, especialmente quando consideramos a internacionalização das congregações nas últimas décadas. O que foi superada em alguns contextos, está, infelizmente ainda presente em outros, especialmente naqueles onde as vocações são mais numerosos e a idéia de igualdade entre homens e mulheres é menos enraizada. Depois de quarenta anos, ainda há algo para se pensar.

As religiosas no diálogo com a Cúria romana

L'Osservatore Romano, 29 de Maio de 2015, p. 5.

O pedido explícito de uma correcta participação feminina na vida da Igreja por parte das religiosas, não é uma coisa nova dos últimos anos. Alguns pedidos de quarenta anos atrás, já se começaram a implementar, para outros, obviamente, há espaço para reflexão e decisão. No Boletim Trimestral da UISG (União Internacional das Superiores Gerais) n. 31-32 de 1974 estão relatados o conteúdo de dois dias de intenso diálogo, vividas em novembro de 1973, entre os responsáveis da Sagrada Congregação para os Religiosos, representados pelo Prefeito, o Cardeal Arturo Taberá, e pelo Secretário, Mons. Paul Augustin Mayer, OSB, e a Assembleia Trienal das Superiores Gerais. A questão básica foi: *O que esperam as Superiores Gerais da Sagrada Congregação para os Religiosos e o que esta espera das Superiores Gerais?* Podia ver-se antes de tudo a oportunidade de um maior intercâmbio com relação ao que já foi implementado graças às reuniões mensais do *Conselho de 16*. Este Conselho composto por oito Superiores Gerais da USG e oito Superiores Gerais da UISG, foi criado naqueles anos propriamente para aprofundar as relações com a Congregação para os Religiosos, através do estudo e da discussão de temas importantes para a vida consagrada.

Algumas superiores esperavam lucidamente uma nova forma de liderança por parte da Congregação, tendo em vista de receber não só directivas de ordem normativa, mas também orientações pastorais e espirituais; orientações em vez de restrições, a fim de preservar a unicidade e unidade em cada Instituto, sem ter que homologar na uniformidade. Esperava-se uma ajuda que fizera destacar os elementos essenciais da vida religiosa, vividas na actualidade dos tempos. As superiores solicitavam um tipo de orientação que lhes dera confiança e, conseqüentemente, obtivessem a máxima colaboração. Por isto, era necessário um maior conhecimento e uma avaliação mais objetiva das informações relacionadas às realidades locais, onde as religiosas tiveram que adaptar-se e portanto, estarem abertas as mudanças. Apelou-se a uma melhor comunicação entre a Congregação para os Religiosos e as Superiores, enquanto estavam no momento ofuscadas pela dominação masculina: “Um dos resultados de nossa época é que as religiosas, fiéis aos princípios da subsidiariedade e à dignidade humana, aceitam sempre menos de que os homens legissem em matérias de sua competência”.

As relatoras defendiam concretamente uma representação adequada de religiosas ao interno da Congregação; que algumas delas, qualificadas, podiam entrar e lidar com assuntos relacionados às religiosas. Também

perguntaram em que medida e circunstâncias foram consultadas aquelas que na época trabalhavam na Congregação: “*Participam activamente na tomada de decisões?*”. Pediu-se que a nomeação de religiosas fosse precedida de consulta prévia às superiores. Comunicação e consulta pareciam ingredientes necessários para um vínculo de compreensão mútua: através deste, teriam sido evitados os desentendimentos devido à recepção de directivas que o seu sentido nem sempre são compreendidas, ainda mais com traduções.

Seria, então uma consulta de religiosas que acompanhassem o processo de elaboração de normas, tendo em conta as situações da vida, prevendo o impacto das normas e sua aplicação. As representantes das superiores tinham desejado de participar nas sessões plenárias da Congregação e na preparação do Sínodo dos Bispos. Subsidiariedade e colaboração em um diálogo aberto foram, em resumo, as expectativas, juntamente com uma teologia enraizada no Evangelho. Os responsáveis do Dicastério, sempre presentes nos trabalhos, retomaram as questões dando o seu consenso aos pedidos. No clima de renovação esperava-se uma maior comunicação mútua, a fim de evitar preconceitos que por vezes criavam-se nas congregações, com o risco de rupturas e separações por parte de grupos e comunidades. As religiosas esclareceram que não queriam ser confundidas com os Institutos Seculares.

Em relação aos grupos, o grupo Inglês esperava que a UISG enfrentara seriamente a questão da mulher, coincidindo com o Ano Internacional declarado pela ONU para 1975. Foi pedido um estudo sobre a teologia da mulher e que a Igreja aprofunda sobre a contribuição insubstituível das mulheres na sua missão, bem como considerar a perda de potencial humano quando a complementaridade não fosse reconhecida. Padre Paolo Molinari, SJ, Assistente da União, foi o mediador entre a Cúria e as Religiosas e enfatizou a utilidade da escuta recíproca, não apenas das Superiores, mas também dos Capítulos Gerais em busca de renovação, embora nem sempre encontram-se as melhores soluções. Ele enfatizou que era necessário dar maior valor à riqueza de pontos de vista teológicos e de experiência, não lendo contudo os novos textos à luz dos padrões do passado e dos contactos limitados com a realidade vivida à luz de Deus; era necessário também um contacto mais directo e positivo com os responsáveis de tais desenvolvimentos. Defendia a causa de escuta das Religiosas por parte da Congregação para uma colaboração eficaz para a compreensão do desenvolvimento da vida religiosa e pela sua compreensão teológica, uma vez que a acção de Deus se renova constantemente e não pode ser conhecida a priori. Ele recordou que não podíamos basear-nos sobre uma legislação que havia codificado seja os elementos permanentes

que outros não-essenciais. Por isso, a Igreja pediu às Instituições de rever a vida e as Constituições à luz do Evangelho e do espírito dos Fundadores, de que faz parte o elemento dinâmico. A Igreja tinha mostrado fidelidade ao espírito dos fundadores e não às suas expressões históricas atribuíveis ao contexto. Essa fidelidade para com as formas, rígidas, pode na verdade ser infidelidade ao espírito. Portanto, era necessário que a Congregação examinara cuidadosamente tudo o que chegava ao seu escrutínio, normalmente após um caminho de consulta e de oração por parte das Superiores, caminho muitas vezes combinado com a busca, angústia, sofrimento. Ao mesmo tempo, esperava-se um diálogo ininterrupto também em relação aos Capítulos Gerais e as tomas de decisões.

Mesmo assim, nós perguntávamos mutuamente sobre a relação entre as Constituições renovadas de acordo com as diretrizes do Concílio e com o Código de Direito Canônico, que sim estavam sob revisão, mas não previa-se uma conclusão iminente do processo. A idéia era que isso não continha muitas normas sobre as congregações religiosas, deixando maior espaço. Outro ponto tocado no encontro entre os responsáveis foi a relação entre a Congregação para os Religiosos, a Congregação para a Evangelização dos Povos e a Congregação para as Igrejas Orientais, da qual segundo os casos podiam depender as decisões sobre as religiosas. O Arcebispo P. A. Mayer esclareceu as competências específicas e ele mesmo prometeu, contudo, uma maior compreensão, até mesmo convocando o *Conselho de 16 e de 18*, relacionados com a Congregação para os Religiosos e a Congregação para a Evangelização. O diálogo iniciado sobre pontos muito concretos parecia promissor.

As religiosas e os bispos: expectativas de ontem e de hoje

L'Osservatore Romano, 7 de Outubro de 2015, p. 5

A propósito do renovamento da vida religiosa, continuamos a repescar reflexões que a distância de anos, ainda são estímulos sugestivos e frutuosos.

No Boletim *UISG* (1982) se comentava sobre o 25º do *Ecclesiae Sanctae* com as regras relativas à aplicação do *Perfectae Caritatis*, concentrando-se sobre a renovação necessária pedida às comunidades apostólicas. A partir das reflexões teológicas passavam-se para as reflexões críticas da Irmã Katherine MacDonald, porta-voz de outras superiores, sobre algumas experiências relativas às relações entre os bispos e as religiosas, para aprofundar as *Mutuae Relationes*.¹ As religiosas apreciavam o reconhecimento do carisma da vida religiosa no documento, mas lamentavam a insistência do papel administrativo do bispo e a vagueza de estruturas que favorecessem o diálogo e a compreensão mútua, com vista

a decisões comuns.

Experiências pouco úteis reportadas pelas protagonistas referente as relações efectivas num tempo de busca e de luta que afectou várias congregações. Se as expectativas das religiosas para com os bispos limitavam-se à sua atitude de benevolência, de apaziguamento para *as boas irmãs*, para *a pobre madre superiora*, sem encontrar-lhes, pelo menos como pessoas com quem partilhar os problemas e buscar soluções para a Igreja local, então, somente permanecia no nível de cortesia mútua. Se em vez, os colóquios vertessem sobre os carismas e sobre o plano pastoral da diocese, seria necessário a conversão mútua e ao serviço eclesial. Às vezes, as religiosas sentiam-se ignoradas, porque eram “romanas” ou não usavam o véu. Em casos mais raros, o tom dos pastores tornava-se autoritário.

Em caso de retirada da comunidade de uma diocese, evento sempre delicado para todos, o diálogo tornava-se mais necessário. Em instituições centralizadas, por vezes, o bispo somente dirigia-se para a superiora geral, ignorando as autoridades intermediárias que seriam as interlocutoras naturais, enquanto se pediam as religiosas de reconhecer as mediações com fé. Em instituições internacionais podia haver a necessidade de alterar o campo de compromisso como o resultado de um discernimento sobre as obras, mas nem sempre o bispo estava disponível; do mesmo modo nas congregações diocesanas, as religiosas podiam ser lotes para um tipo de trabalho, mas os bispos podiam impedir uma reinterpretação do carisma à luz dos tempos. “Acontece que as religiosas diocesanas foram mantidas sob uma forma de proteção, reforçada por uma política de não formação, como se o seu carisma não podia expandir-se sob a acção do Espírito que actua nelas”.

Por outro lado, as superiores reconheciam as experiências positivas nos actos, no conhecimento frutuoso e no convite para participar nas reflexões diocesanas. As religiosas pediram aos bispos de tornarem-se mais acessíveis para a comunicação, de interessarem-se em conhecer a vida religiosa e dar-lhe a conhecer aos sacerdotes e aos seminaristas, de escutar e respeitar as suas experiências e os seus pontos de vista para contribuir juntos na edificação da comunidade cristã.

Como áreas de compromisso comum foram indicados: 1. Não considerar o passado como uma caverna para hibernar, abrindo-se às novas instâncias e tomando distância dalgumas tradições superadas, porque “a tradição é uma raiz, não uma ligação: para honrar as nossas tradições, não devemos permanecer algemados pelos seus limites, mas muito inspirados pelas suas interpelações “. No presente as religiosas não precisam de ser

“protegidas”, como antes, mas escutadas; elas precisam de obter a confiança na busca de viver o Evangelho e de colaborar na missão da Igreja no mundo. 2. A resposta ao Vaticano II não exigia unicamente a adaptação, mas especialmente a renovação na fidelidade ao carisma originário. 3. A questão da Igreja universal e local, que exigia compromisso de ambas as partes. Os bispos não deveriam de ser tensos diante da fluidez da comunidade confrontado-a com o empenho apostólico particular. As religiosas tinham que compreender a necessidade da encarnação e do empenho responsável na Igreja local, e dos bispos e de suas obrigações para com a Igreja universal.

No mundo contemporâneo, era importante testemunhar a fraternidade com os povos, fazendo-se supranacionais. As religiosas deviam, portanto, integrarem-se localmente, sem se tornar propriedade privada, oferecendo em cada cultura, nação, paróquia onde elas trabalhavam, a visão adquirida na sua comunidade internacional; por outro lado a visão específica do povo com quem elas estavam em contacto, devia de ser partilhada com a Igreja Universal. Dessa forma, elas contribuíram para o crescimento da comunidade cristã na situação local e numa dimensão universal.

Considerando que a interdependência era a chave para o desenvolvimento, as religiosas pediram compreensão e reciprocidade com os bispos sobre um assunto que também fazia parte da sua vocação. Finalmente sobre a questão sensível do papel das religiosas na Igreja, a relatora atribuiu as dificuldades ainda ardentes, ao peso da história e da teologia tradicional; por exemplo, quando as religiosas empreenderam acções ou actuavam intervenções até então reservadas aos sacerdotes. Ela admitiu: “Nós não tínhamos modelos para a qual podíamos referir-nos, e somos responsáveis da terrível tarefa de inventar novos ministérios, baseados sobre a nossa própria visão e definidos pela dimensão do nosso compromisso”, portanto, permaneceram as dúvidas, e poucos resultados conseguidos e um sofrimento desproporcionado que tinha levado muitas a abandonar a luta. As Conferências Episcopais e as religiosas que estudaram o *Mutuae Relationes* deixaram esperar a continuidade do movimento em direcção à novas atitudes e acções concretas.

Algumas instâncias pensam que o tema das religiosas ainda são relevantes e, no ano dedicado à vida consagrada continuam a interpelar para uma execução do mandato conciliar, sempre mais em profundidade.

¹ Katherine MACDONALD, *Alcune esperienze sui rapporti tra i Vescovi e le Religiose*, in *Bollettino UISG* 1982, n. 59, p. 15-23.

UM OLHAR AO NOSSO PASSADO

Ir. Josune Arregui, CCV

A Irmã Josune, Carmelita da Caridade de Vedruna, foi Secretária-Executiva da UISG nos anos 2010-2013.

Original em Espanhol

Resultou-me muito interessante a leitura dos três artigos que a Irmã Gracia Loparco publicou no *L'Osservatore Romano* como uma antecipação do valioso trabalho histórico sobre a UISG que ela mesma está fazendo por ocasião do quinquagésimo aniversário da União.

Os artigos mencionados são como três instantâneas da história que reflectem algumas situações vividas pela UISG, 30 ou 40 anos atrás. Quando revisamos as fotos históricas da família ou dos amigos, não só nos aproximamos do passado das pessoas, mas também descobrimos algo do que permanece e constitui o seu presente; contemplar estas imagens talvez faz-nos sorrir, mas também ajuda-nos a aproximar-nos um pouco ao mistério de cada pessoa. Algo parecido creio que pode-nos fornecer a leitura destes três artigos.

O primeiro recolhe a Assembléia Plenária de 1973 no qual foram expostos as *relações entre a vida religiosa feminina e a Sagrada Congregação dos Religiosos*, cujos representantes estiveram aí presentes em atitude admirável de escuta.

O segundo contém uma contribuição que fez P. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ na Plenária de 1975. Em presença de 500 Superiores Gerais refletiu sobre “*a desproporção existente entre o número potencial do contingente das religiosas, em relação aos religiosos, e a realidade de sua contribuição eclesial.*” A lucidez de sua abordagem torna-se ainda mais evidente ao ser lido 40 anos depois.

E o terceiro é baseado num artigo escrito pela Ir. Katherine MacDonald no *Boletim* do ano 1982, sobre a *relação entre Religiosas e Bispos* a partir do documento *Mutuae Relationes* que certamente era apreciado, mas mesmo assim considerado insuficiente e necessitado de novas actualizações.

Se bem que os textos estão incluídos nesta mesma edição do *Boletim* a disposição de todos, convidaram-me para compartilhar a minha própria reinterpretação. Em primeiro lugar vou expressar as minhas impressões, fixando-me nalguns pontos que chamaram-me a atenção. Tentarei, em seguida, de comparar aquela situação com a nossa e finalmente queria contribuir alguma luz sobre a própria identidade da UISG a partir destas instantâneas.

Impressões

Merece a pena assomar-nos ao que se viveu há 30 ou 40 anos passados, naquelas assembléias de superiores gerais convocadas por uma UISG ainda jovem e altamente motivada pelo forte impulso renovador do Vaticano II. Faz-nos reviver aqueles anos em que sonhávamos com uma nova vida religiosa, mais evangélica e mais em resposta ao mundo. O impulso renovador recebido do Concílio tinha plantado raízes também em cada um dos carismas de VR. Admiro a valentia e a audácia das superiores gerais, as líderes também da UISG, que tiveram que lutar não só para canalizar a renovação com acerto nas suas próprias congregações, mas também fazê-lo em nome de toda a União, em frente ao imobilismo eclesial, que percebiam que estava insertado nas estruturas.

Embora a memória destes anos fez-me desfrutar, o sabor que me deixa a leitura é um pouco agridoce. Invade-me o desânimo ao constatar que 40 anos atrás, as representantes das religiosas já tinham pedido à Igreja, mais diálogo e comunicação, uma maior participação nas estruturas, uma reflexão sobre o papel das mulheres na Igreja, etc. Resulta-me uma música tão conhecida e muitas vezes repetida que enfraquece a minha esperança de que aqueles e estes sonhos, algum dia, tornãr-se-ão realidade.

Porém vamo-nos à concentrar nalguns aspectos que surgem ao fazer uma leitura transversal dos artigos.

Carisma e Direito Canônico

O caminho de renovação traçado por *Perfectae Caritatis* pôs logo em marcha “o regresso às fontes”, evangelho e carisma, assim como a abertura ao mundo moderno e aos seus novos valores, mas se vê que as iniciativas de mudanças propostas pelas congregações muitas vezes chocavam com as normas jurídicas dum Direito Canônico ainda não renovadas e cujo modelo de vida religiosa feminina era a monástica. Naquele momento pós-conciliar em que surgiram muitas tensões intra-congregacionais, o que as superiores gerais queriam era manter a unidade

e não a uniformidade na que sentiam-se espartilhadas pela normativa canónica. Elas pediram que se fizessem destacar os elementos essenciais da vida religiosa de modo que as Constituições renovadas pudessem expressar o dinamismo do carisma na actualidade dos tempos.

Aquelas religiosas, representantes na assembléia de 1973, atreveram-se à marcar a missão da Sagrada Congregação para os Religiosos, dizendo que o que elas estavam esperando da Igreja eram orientações evangélicas em vez de normas e restrições jurídicas; que o nível canónico deixara o espaço para a expressão do carisma de cada Instituto, que o que pretendiam era a fidelidade ao espírito dos fundadores e não as suas expressões históricas, porque a tradição é uma raiz, mas não uma cadeia que impede o carisma desprezar a sua potencialidade em resposta ao mundo.

E diante daqueles que qualificavam o novo como “experiências” temporárias que, depois de um tempo, deve cristalizar-se num novo regulamento, elas disseram que a acção de Deus renova-se continuamente e não se pode saber com antecedência, por isso que é necessário um diálogo e uma “renovação em caminho”.

Relações com a Cúria e os Bispos

Este tem sido um tema recorrente ao longo destes cinquenta anos e também aparece nessas instantâneas, embora com matizes. No ano 1973 pediram à Cúria um maior diálogo e comunicação, uma maior representação nas estruturas, ser consultadas no que afectava as religiosas, participar nas sessões preparatórias dos sínodos, etc, etc e dez anos mais tarde, referindo-se à relação com os bispos, pediam não muita protecção, cortesia e benevolência, como lhes ofereciam alguns bispos, mas para ser realmente escutadas como iguais, partilhando na busca de soluções e colaborando na missão da Igreja no mundo. *Mutuae Relationes* já havia tentado de iluminar e aplanar este caminho de relações, mas as religiosas, a partir de sua experiência, sentiam a necessidade de seguir avançando para novas atitudes e posturas.

A Mulher na Igreja

O tema subjacente de tudo isso é o papel insubstituível da mulher que a Igreja não acabava – e não acaba – de reconhecer na sua complementaridade. Lucidamente foi exposto pelo padre Azevedo Carvalho numa assembléia em 1975, que atribuía a situação de desigualdade existente à uma insuficiente, inadequada e “masculinizada” formação de religiosas, desde as suas origens. O seu isolamento do mundo, por sua vez, causou

o desconhecimento de seus problemas e a consequência de tudo isso foi um certo infantilismo nelas e um menosprezo sutil das religiosas na Igreja, apesar do reconhecimento teórico da sua igualdade e dignidade.

Ele conclui dizendo que, para alcançar a igualdade e libertação da mulher na Igreja, considerava necessária uma “libertação concomitante do homem da sua pretensão de domínio e hegemonia”. O que ele propôs foi uma “revolução cultural” para fazer surgir uma nova humanidade capaz de renovar a sociedade e a Igreja.

Pareceu-me que o mais provocante de tudo foi o facto de afirmar diante daquelas 500 superiores gerais provenientes dos últimos cantos do mundo que, diante desta situação marginal e discriminatória, percebia-se uma submissão passiva à suposta “superioridade masculina”.

Eu me pergunto como as participantes naquela assembléia reagiram diante desta radiografia da situação da mulher religiosa na Igreja e à proposta da nova humanidade. Muitas certamente sintonizariam com essas abordagens, identificando-as com a sua própria denúncia; outras ficariam um pouco “sacudidas” por aquela análise que resultaria-lhes novo precisamente porque a subordinação institucionalizada, até ao momento, havia-lhes impedido tomar-las em consideração; e algumas poucas talvez ficariam escandalizadas, reagindo defensivamente perante aquela revolução “desestabilizadora”.

Quarenta Anos Mais Tarde

Encontramos inevitável, a comparação entre as situações descritas e o momento presente. Temos dito que aquelas músicas são-nos muito bem conhecidas e até o dia de hoje nós ainda continuamos a cantarolar, mas não podemos dizer que nada mudou na Igreja no que diz respeito à vida religiosa feminina ou que as coisas continuam igual como há 40 anos.

Não há dúvida de que o número de religiosas “despertadas” ou com a consciência clara de sua marginalização eclesial é agora muito maior, mesmo que ainda existem grupos que continuam a assumir passivamente a alegada superioridade masculina. Em relação a formação das religiosas é, certamente, muito mais ampla e actualizada do que naquela época, mas, infelizmente, nalgumas congregações ainda são muito reduzidas pelo imediatismo dos serviços apostólicos e “masculinizada” tal como estava-se já denunciado naqueles tempos.

Considero duplamente significativo o crescimento desse despertar

entre os homens da Igreja. Eu não acho que eles sejam a maioria, porque não é fácil autodesmarcar-se dum status que privilegia à nós mesmos, mas a história avança e a evolução do papel da mulher na sociedade civil continua a denunciar cada vez mais forte, essa fortaleza patriarcal que é a nossa Igreja Católica.

A própria Congregação de Religiosos, vai accedendo -finalmente!- alguns destes homens “despertos” ou mais cientes, e a presença femenina, a consulta, a representação e o necessário diálogo vão-se tornando realidade. Porém não podemos dizer que o cambiamento profundo, a necessária “revolução cultural” tinha alcançado até as raízes. Diria que avançamos em direcção à uma mudança de estruturas, sempre mais resistentes que as pessoas. É um caminho que torna-se lento para nós e, apesar dos passos dados e da esperança, evidencia-se que é ainda insuficiente. Até o Papa Francisco diz que “este é um desafio que já não pode ser mais adiado” e o Papa está convencido da “urgência de oferecer espaços para às mulheres na vida da Igreja” (7/2/ 2015).

O episódio que temos vivido nos últimos anos entre os bispos e as religiosas de Estados Unidos tem sido um exemplo paradigmático dessa relação inadequada que tinha desembocado numa confrontação clara. Muitas religiosas sentiamos não somente solidárias mas também identificadas com a LCWR. Elas tinham actuado dum modo evangélico, eclesial e valente. A sua postura perante a sociedade tinha sido testemunhal e os actuais dirigentes da Igreja têm sido capazes de cerrar o conflito em paz e reconhecimento mútuo. Do meu modo de ver, elas “ganharam”, a disputa fortaleceu-lhes e deixaram um rasto positivo nesta estrada pela qual avançamos com lentidão.

Identidade da UISG

Diziamos que as fotografias do passado muitas vezes revelam-nos algo sobre o que constitui o presente das pessoas. Além disso, na releitura dessas instantâneas da UISG, podemos encontrar algumas características da identidade da União.

A Mudança

Como todos sabemos – e é o que celebramos con alegria nestes momentos - a União Internacional de Superiores Gerais nasceu há 50 anos, o mesmo dia do encerramento desse acontecimento eclesial que foi o Concílio Vaticano II. O dia 8 de Dezembro de 1965.

Este ponto de partida faz com que a UISG leve a mudança na sua

própria entranha, que esté constituída por um elemento dinâmico chamado à implementar aquela renovação eclesial que o Espírito impulsou através do Concílio. A UISG assumiu esta renovação como a sua própria missão e foi acompanhando, ao longo destes últimos cinquenta anos, as líderes da VR feminina neste orientar as suas famílias religiosas ao longo do caminho do diálogo entre o seguimento radical de Jesus e a construção do reino no mundo de hoje. “A fidelidade criativa” chamou-lhe assim *Vita Consecrata* (37).

A União

A *união* de todas as líderes de congregações religiosas femeninas, como já existia entre as masculinas, estava sendo feito necessário. Foram fazendo-se sondagens de estruturas; primeiro com as representantes das congregações internacionais residentes em Roma e, em seguida, buscar representação de outros continentes. Com o passar dos anos criaram-se as denominadas “constelações” ou uniões nos grandes países ou áreas geográficas vizinhas, coordenadas e animadas pelas delegadas da UISG. Pouco a pouco foi tecida uma rede poderosa que entrelaçava em torno de 2.000 Superiores Gerais que por sua vez faziam presente esta realidade de um milhão de mulheres consagradas espalhadas em todo o mundo. Embora que o número seja hoje mais reduzido, a União continua a ser uma grande irmandade internacional e na sua aparente discrição tem uma força indiscutível.

As assembléias trienais em Roma tinham feito visível ao longo dos anos esta viagem como uma unidade eclesial. Os encontros têm sido sempre motivadores e a temática sugestiva e atraente. O intercâmbio dos processos de renovação foi-se tornando cada dia mais enriquecedor e ao mesmo tempo mais necessário para as pessoas que estavam na fila de frente. Cada assembléia foi plantando sementes que, em vários países, tornaram-se crescentemente em programa e em cada participante incentivo para promover a vida religiosa apostólica na companhia de um grupo eclesial forte, numeroso e internacional.

Um simples *Boletim* UISG, traduzido em seis línguas e recentemente em sete, recolheu ao longo dos anos, a riqueza desses encontros, tornando-a acessível a muitas outras pessoas e tentando de dar respostas à novas propostas que chegam de diferentes continentes.

Suportada por todas, a sede da UISG no coração de Roma fez eficaz e visível a União como lugar de encontro e manteve as suas portas abertas à muitas reuniões das comissões (JPIC, educação, saúde, diálogo inter-religioso), projectos (Talitakum, Solidariedade com Sudão do Sul), grupos

de formação de diversas línguas, encontros com conferências de diferentes países nas suas visitas à Cúria Romana, etc.

Diálogo com a Igreja

Como está refletido nesses artigos, a União fez possível o necessário diálogo com a Igreja. A Cúria Romana, que já se relacionava com a união de congregações masculinas (USG), também sentiu a necessidade de ter como parceira a vida religiosa apostólica feminina como um todo, e foi ela quem tomou a iniciativa e deu os primeiros passos para a sua constituição.

O diálogo foi mantido ao longo de quase 50 anos e tem sido sempre fecundo cada vez que se realizava. Pronto formou-se a estrutura do *Conselho dos 16*, juntamente com a união masculina e tornou-se possível as interessantes reflexões conjuntas e acima de tudo uma aproximação e apreciação mútua entre as pessoas.

Inserção no Mundo

“Estar no mundo sem ser do mundo” é uma característica da identidade da vida religiosa apostólica que não queria deixar de mencionar, embora que não fosse directamente abordada nestes artigos, mas tem sido uma reflexão contínua e busca da UISG. Dizíamos que o Direito Canônico considerava a vida religiosa feminina dentro do *modelo monástico* que praticamente foi imposto também à vida religiosa apostólica. Ao retornar esta às origens e ao conhecimento “das circunstâncias do mundo de hoje” (PC 2) foi descobrir de novo que a sua abertura carismática ao mundo exige outras “formas” de seguimento que não se encaixava dentro da *fuga mundi*.

As tensões, tanto dentro de cada congregação como com a própria Igreja, forçaram a UISG em aprofundar a espiritualidade apostólica repetidamente para que o seguimento radical de fundo, não se perda na renovação das *formas*. A inserção no mundo, a opção preferencial pelos pobres, o compromisso com a justiça (o Sínodo sobre este assunto foi realizado em 1971) aparecem com frequência na temática das reuniões como uma constante busca de novas respostas carismáticas e a UISG mantém com clareza que o seu apoio vai dirigido à uma vida religiosa feminina *apostólica* e em diálogo e ao serviço do mundo de hoje.

A UISG viveu fielmente uma etapa sumamente interessante de sua história. Agora abre-se um caminho diferente diante dela, num mundo novo, com outro mapa geográfico da VR, com um declínio drástico em números no Ocidente, com os gritos incessantes de novos excluídos. Perante este futuro não fácil de imaginar, a UISG continuará a avançar

com aquela vocação renovadora dos origens, estreitando os laços intercongregacionais, em busca de uma fidelidade criativa ao seguimento de Jesus na Igreja e ao serviço do mundo de hoje.

ASSEMBLÉIA PLENÁRIA DA UISG 2016

9 - 13 de Maio de 2016

Local: Hotel Ergife, Roma

Tema: Tecendo a Solidariedade Global para a Vida

1. Solidariedade Global para a vida ... para o Planeta
2. Solidariedade Global para a vida ... com aqueles que vivem nas margens
3. Solidariedade Global para a vida ... através da nossa vida colaborativa e de testemunha como religiosas

Durante a Assembléia Plenária vamos a celebrar o Jubileu da UISG e ter uma audiência com o Papa Francisco

***Estamos esperando com gozo
para acolher-lhes em Roma***

PERITOS EM COMUNHÃO?

Ir. Marie Laetitia Youchtchenko, OP

Ir. Marie Laetitia pertence à Congregação Romana de São Domingos. Vive em Roma desde 1987; ela é uma professora e tradutora-intérprete, também anima retiros para as paróquias e comunidades religiosas.

Original em Francês

Peritos em comunhão¹, é o que o Papa Francisco convida-nos a ser! Ele coloca o tope bem alto: os peritos são pessoas que dominam perfeitamente o seu tópico, e que são capazes de indicar aos outros o que fazer, porque eles têm alguma forma de vantagem sobre os outros na sua área de especialização ... Peritos em comunhão? Encontramos, em geral, mais justo descrever como “o caminho para a comunhão”, porque percebemos que nossa vida religiosa é uma aprendizagem contínua que significa “amor” em verdade ... O nosso Papa pede-nos algo irrealista ou impossível?

Na sua última oração, de coração à coração com o Pai antes da Paixão, Jesus nos dá uma chave para entrar no mistério da comunhão: “Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e Eu em ti”². Desde toda a eternidade, o Pai doa-se ao Filho e o Filho doa-se ao Pai, o Pai acolhe o Filho e o Filho acolhe o Pai: o Pai está no Filho, o Filho está no Pai, e deste intercâmbio de amor procede o Espírito Santo. Contemplando este mistério, ouvindo ‘como’, percebemos que a comunhão é uma realidade sobrenatural, inscrita no mais profundo de nós mesmos, como um apelo: este é de facto a nossa vocação primordial - criado à imagem de um Deus Trinitario, alcançaremos a plena realização de nós mesmos, somente quando vivemos à Sua semelhança, quando nós “permanecemos no amor”³..... E o amor é essa dinâmica de dom recíproco que une o Pai e o Filho no Espírito, e para a qual somos chamados a participar.

Um dos grandes paradoxos, que é também uma das lutas interiores da maior parte dos consagrados, é a dificuldade que nós temos em viver esta comunhão na vida prática diária de nossas comunidades, apesar do nosso profundo desejo de seguir a Cristo e de conduzir uma vida

genuinamente evangélica ... Nós sabemos a teoria, escrutinamos a Palavra, nos reunimos para discutir de temas como intergeracional e intercultural, mas muitas vezes nós sofremos por não entender uns aos outros, por não conseguir doar-nos sem reservas, querendo mudar os outros em vez de aceita-los tal como são; muitas vezes, o individualismo ameaça-nos; muitas vezes preferimos dedicar-nos completamente aos nossos apostolados e às nossas responsabilidades, ao invés de dedicar-nos aos nossos irmãos e irmãs mais próximos/as ... No entanto, como amava repetir Madre Teresa de Calcutá, “o amor começa em casa”⁴ !

Acredito que para entrar no mistério de comunhão, é muito importante de enfatizar a sua dimensão de acolhida⁵, porque se é verdade que “o amor é dar tudo, e dar-se a si mesmo”⁶, sem acolhida o nosso dom está em perigo de alçar em busca de nós mesmos: há muita alegria - e às vezes auto-satisfação – em dar, em servir, em ser útil para os outros! Somente alguém que sabe acolher com simplicidade pode dar com humildade. Sem acolhimento, a nossa doação pode correr o risco de estar movendo-se em um sentido único, e assim tornar-se ascendente sobre a pessoa que queremos ajudar; então o nosso serviço sem acolhimento, pode tornar-se possessão (o *meu* refeitório, o *meu* grupo de Bíblia ...). O acolhimento purifica a nossa doação, na medida em que abre-se o coração, em atenção ao que o outro está pronto para dar ... O dom responde à pergunta “O que posso fazer pelos outros?”; o acolhimento é esta delicadeza que não é somente perguntar “O que você quer que eu faça por você?”⁷ mas também “O que faria você feliz de fazer por mim?” Por uma questão de valorização do outro, para dar-lhe a alegria de fazer prazer, a alegria de dar, a alegria de amar.

“Sim, obrigado! “

É muito mais espontânea e mais fácil de dizer “não, obrigado”! As nossas razões são numerosas e muito legítimas, mesmo que às vezes não se dizem: Eu sozinho posso; acho que é mais rápido fazer isso sozinho do que explicar-lhe o que fazer; se alguém faz, de qualquer maneira vai precisar que eu verifiquo; eu tenho os elementos que você não tem para entender a situação; eu quero fazer tudo o que ainda posso fazer; você já tem trabalho suficiente assim; etc ... Todas essas formas, eventualmente, passam a eficiência antes da comunhão, à custa da credibilidade do nosso testemunho evangélico, e à custa do amor, portanto, da fecundidade de nossas vidas. Tantas maneiras de dar a entender: “Eu não preciso de você.” Agora acolher o outro, não é também o prazer de apreciar que você precisa dele? Vejamos como Maria, a mais perfeita das criaturas também precisava de José, como Jesus, o Senhor da história e Rei do universo,

precisava de seus pais, amigos, mulheres que o acompanhavam, e como ele ainda hoje conta conosco ... Poderíamos imaginar Jesus dizendo “não obrigado” a Simão de Cirene ?

Ter a oportunidade de viver em comunidade, é ter a oportunidade de dizer ao mundo: Eu preciso dos meus irmãos, das minhas irmãs, não deles / delas em geral, mas de cada um / uma. Não é para os serviços que ele ou ela pode fazer-me - que seria de utilitarismo, sem acolhimento -, mas pelo o que ele é, pelo o que ela é; porque ele ou ela é um dom do Criador para enriquecer-me; porque o seu ponto de vista é diferente do meu, convida-me para abrir o meu coração; porque várias pessoas juntas pensamos melhor do que uma por si sozinha; porque não temos a mesma leitura da mensagem de Jesus Cristo, e isso impele-me para buscar sempre, para entrar cada vez mais profundamente no Mistério do Amor ... Então, para tornar-se peritos em comunhão, não hesite em dizer mais frequentemente “sim, obrigado!” Sim, acolho a ajuda que você me propõe; sim, acolho a idéia que você está sugerindo-me; sim, acolho o tempo que você quer dar-me ... Cada *sim* é confiança, cada *sim* é valorizar à outra: eu perdo um pouco de mim mesmo, para deixar-te mais espaço, para conceder-te a alegria de dar; cada *sim* é uma maneira de amar, porque quer dizer: “Eu preciso de ti”, e porque permite-nos crescer em humildade. Existem três graus de amor: amor-necessidade, amor-serviço, amor-estima⁸; e neste nível de amor-estima é que situa-se a comunhão, porque a estima é simultaneamente um dom e acolhimento - dou-te a minha confiança, e recebo-te tal como és, não como gostaria que tu sejas ...

O exemplo de cactos

Adentrar-nos nessa lógica de acolhimento permite-nos de compreender gradualmente que pode haver um monte de amor na dependência: não apenas no facto de oferecer a sua dependência (porque a oferta é mesmo um dom), mas a dependência em pouco tempo, como tal. Muitas vezes ouvimos as pessoas dizerem “eu não quero depender de ninguém”, “Eu rezo para nunca estar acamado” ... Mesmo que esta apreensão é compreensível, eu acho que nunca é cedo demais para “domar” a dependência, considerando-a como parte integrante do amor, e não como uma dimensão padrão. Em outras palavras, a dependência pode ser visto como o acolhimento do estado puro, com tudo o que isso representa de abandono e de confiança ... Não tenhamos medo de acolher, não tenhamos medo de depender uns dos outros! Quando as nossas pernas já não permitem-nos de correr, quando já não temos mais toda a nossa cabeça para oferecer, nós teremos sempre um coração para acolher ... tudo como crianças pequenas⁹. Habitue-mos o nosso coração à abertura! Se vivermos a comunhão,

então a dependência da velhice ou da doença não vai encontrar-nos despreparados, mas será a nossa maneira de amar até o nosso último suspiro. Sabemos do nosso noviciado que a santidade não é tanto uma questão de *fazer*, mas sim de *deixar fazer*: isto não é agir para buscar a perfeição, mas de deixar Deus agir em nós ... Mas entre o que sabemos e o abandono real que implica, é o trabalho de uma vida inteira!

Todos nós já tivemos a oportunidade de maravilhar-nos diante de algumas pessoas, cujo carácter forte é conhecido de todos, mas que tornam-se modelos de mansidão e paciência quando eles encontram-se na cama ... Eu me pergunto se esta docilidade não é, por vezes, o resultado de um longo combate escondido durante toda a vida, combate que conduziu-os à acolher plenamente as suas dificuldades para abandonarem-se à Misericórdia. Essas pessoas tinham limpado ao longo dos dias, as observações desagradáveis em torno deles, eles sofreram a humilhação de ostentar a etiqueta “Cuidado, cacto!” e ter constantemente que, apesar de seus esforços, pedir perdão por suas mudanças de humor ... Eles mesmos até tinham que perguntar-se por que tudo parecia tão fácil para os “outros” ... Eles choraram no silêncio da sua oração, imploraram a Deus para libertá-los de seu carácter, e eles ouviram “A minha graça te basta, porque, o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”¹⁰. Eles tinham guardado as suas espinhas, mas mantiveram-se fiéis à sua vocação e contra tudo e contra todos, inclusive que no coração de qualquer cacto esconde-se uma gota preciosa de água, e que essa água vem de Deus e volta para Deus ... Eles entenderam que essa gota de água nascida de seus coração-à-coração tem misericórdia, e é de aí que surge a fertilidade de toda a sua vida - fertilidade escondida aos olhos humanos, mas tão real na Comunhão dos Santos. Uma vez privados de sua marca, uma vez despossuídos, imobilizados e dependentes, essas pessoas só têm que continuar a abandonar-se, como sempre têm feito secretamente para além das suas aparências rabugentas. Sua fraqueza abriu-lhes à Graça: eles acolhem agora os cuidados como acolheram a Misericórdia ...

O acolhimento das diferenças, ou a orquestra sinfônica

Recentemente, em uma reunião internacional, uma Irmã confidenciou-me : “Falamos sempre sobre a riqueza da diferença, bem, eu tenho orgulho de dizer que eu sinto-me mais confortável com as pessoas que se parecem comigo! A diferença incomoda-me e cansa-me: Eu quero ser a advogada da riqueza da semelhança.” Provocação? Certamente. Mas essa reacção é o que está nas costas das mãos de muitos? Não seria que ela expressasse em voz alta o que muitos pensam em voz baixa? A sabedoria popular não diz que “os pássaros da mesma plumagem voam juntos”?

É um facto, espontaneamente nós não gostamos da diferença. Isso incomoda-nos. Vivemos com pessoas que não tínhamos escolhido, que não vêem as coisas como nós, que não raciocinam como nós, que não trabalham como nós, pessoas de diferentes gerações ou nacionalidades, ou que tinham recebido outro tipo de educação, uma outra formação teológica ... Esta variedade desestabiliza-nos, na medida em que desafia a nossa maneira de ver. Nos basta olhar à nossa volta (e nas nossas comunidades!) para constatar que diante da diferença, é frequente de reagir pela dominação - o mais fraco deve ceder; pela segregação - vivem a uma distância respeitável uns dos outros; ou até mesmo a eliminação - desde que você me desconforta, você deve calar a boca, você deve desaparecer.

É impossível que diferentes pessoas pudessem viver juntas em comunhão? A imagem da orquestra sinfônica, frequentemente citada¹¹, sugere-nos o contrário ... Impossível, não. Difícil, sim. A comunhão, como harmonia, é o fruto de um trabalho longo, exigente, perseverante ... A nossa sinfonia é o Evangelho; Cristo é ao mesmo tempo o compositor e o maestro - além disso, Ele é a música personificada; cada um de nós tocamos o nosso próprio instrumento musical, na nossa própria secção; a qualidade da sinfonia não depende apenas dos esforços de cada um, mas acima de tudo depende do amor pela música, da vontade de todos para seguir o maestro, com o objetivo comum que é a beleza da sinfonia. Se um músico quer tocar mais alto do que o outro, se alguém deixa de escutar aos seus vizinhos, se o triângulo ambiciona o lugar de oboé, se o piano passar mais tempo em criticar a maneira de tocar a harpa em vez de fazer a sua parte de trabalho, ou se o primeiro violino (= o superior, de quem os outros seguem o movimento) acha que ele é o maestro ... então é inútil de esperar uma sinfonia bem sucedida!

É interessante de constatar que uma das observações que surge na maioria das vezes nas conclusões de nossos capítulos ou de nossas assembléias é: “O que nos une é mais importante do que aquilo que nos separa”. Sublinhamos a atmosfera fraterna, a escuta recíproca, a procura do bem comum, a qualidade da liturgia, o nosso compromisso com o carisma, a nossa alegria de ser consagradas ... Estas reuniões entre nós são momentos privilegiados, momentos de graça, porque eles permitem-nos de voltar à fonte da nossa vocação e de viver uma forte experiência de comunhão, para além das nossas diferenças ... Eles finalmente levamos de volta ao essencial: à sinfonia que somos chamados a tocar juntos. E eles são uma oportunidade para perguntar novamente o que *verdadeiramente* queremos fazer da nossa vida: um caminho de ambição individual ou uma *sequela Christi* onde nós trazemos uns aos outros para

caminhar juntos para a comunhão eterna?

«Duc in altum»

O convite do Papa Francisco à ser peritos em comunhão, portanto, nos coloca diante da grandeza da nossa vocação em toda a sua beleza e também em toda a sua exigência. O desafio é viver em profundidade, nesta célula interior onde habita a Trindade, onde somos envoltos de Misericórdia, e onde está o Espírito do Amor que enche-nos de seus dons ... Vivendo em profundidade está além do estágio de aborrecimentos, de reacções epidérmicas, dos prejuízos, das susceptibilidades, para descer ao nível da nossa vontade, aí onde nós *decidimos* de amar. Uma decisão à renovar continuamente, como nós continuamente renovamos o sim da nossa consagração. Viver em profundidade, é compreender de que só podemos mudar a nós mesmos, levando a sério o nosso apelo diário à conversão, ouvindo à Aquele que é “manso e humilde de coração”¹². Viver em profundidade, é estar convencidos de que “a semelhança absoluta é estéril. Unicamente o intercâmbio é criativo. A alteridade é essencial para a comunhão. A maravilha supõe a diferença”¹³. Deus *quer-nos* diferentes de modo que precisemos uns dos outros, para que assim possamos viver a comunhão¹⁴: pensar sobre isso quando oramos “seja feita a Vossa Vontade”! A vontade de Deus é a minha santidade, é a santidade de meus irmãos e irmãs, é a nossa felicidade eterna na comunhão ... Por isso, vamos avançar para as “águas profundas”¹⁵, e acolhemo-nos realmente uns aos outros, não contentemo-nos com cozinhar um prato típico numa noite de aniversário, ou introduzir uma dança de ofertório na nossa liturgia ...

Por exemplo, podemos perguntar-nos: qual é o nível de comunicação entre nós? Algumas comunidades encontram suficiente o nível de informação mútua, de organização da vida cotidiana. Com um pouco de prática de vida em comum, todos respeitam o comportamento dos outros, os papéis são distribuídos de acordo com as habilidades e afinidades para que ninguém invade a área do outro, e se consegue avançar sem muita tensão ... mas isso não é a comunhão. Viver em profundidade, é ousar assumir o risco de expressar o que pensamos ou o que sentimos, sabendo que nos expomos ao desacordo, à não-compreensão, ou ao julgamento de nossos irmãos ou irmãs ... Um risco essencial para a comunhão, de como expressar o que pensamos, o que sentimos, é uma maneira de dar-nos à nossos irmãos e irmãs; e ouvir o que eles querem dar-nos de si mesmos, é uma maneira de acolher. Isso requer muita liberdade (e, portanto, humildade); uma mente aberta, pronto para intercambiar opiniões; um coração aberto,

que procura entender, que procura criar empatia; isso requer uma grande confiança um no outro, a confiança que está enraizada na oração - sob o olhar d'Aquele que nos escolheu e nos reuniu. É preciso um coração pacífico para ser capaz de pousar em outro, com toda a verdade, aquele olhar de amor que faz-lhe existir, que faz-lhe crescer, esse olhar de maravilhar-se diante da obra de Deus nele/nela. E a paz do coração vem da certeza absoluta de que nós somos infinitamente amados/amadas, por aquilo que somos: a certeza que nasce na escuta da Palavra, que se aprofunda na oração de adoração, que se alimenta na Eucaristia ...

Realidade sobrenatural, meios sobrenaturais! Comunhão é um dom que vem do Alto: pedimo-lo rezando ao *Pai Nosso*; suplicando todos os dias, com insistência e perseverança, o Espírito de comunhão¹⁶, que nos ensine a amar; imitar a humildade e disponibilidade da Virgem Maria, Nossa Senhora da Acolhida ... Para ser peritos em comunhão, deixemo-nos renovar, redescobrir a Graça de nossa consagração religiosa, abrir cada vez mais os nossos corações ao Amor gratuito e misericordioso do nosso Deus, de modo que nossas vidas tornam-se Eucaristia, isto é doando-nos a nós mesmos até o fim, e ação de graças contínua.

¹ Papa Francisco, Carta Apostólica à Todos os Consagrados, 21 de Novembro de 2014, § I.2.² Jo 17, 21.³ Cf. Jo 15, 9.

¹ Jo 17, 21.

² Cf. Jo 15, 9.

⁴ "Love begins at home, and it is not how much we do... but how much love we put in that action".

⁵ Curiosamente, enquanto que os livros de espiritualidade sobre o dom são muito numerosas, raros são os estudos dedicados à acolhida como uma dimensão integrante do amor.

⁶ Santa Teresa do Menino Jesus, *Poésies*, Cerf DDB, 1979, p. 247.

⁷ Lc 18, 41.

⁸ Cf. Un Chartreux, *Vers la maturité spirituelle*, Presses de la Renaissance, 2002, p. 33.

⁹ Cf. Sl 131 (130), 2 ; Mt 18, 3.

¹⁰ 2Cor 12, 9.

¹¹ Veja por exemplo o *Discurso* do Papa

Francisco aos participantes da 37^a Convocação Nacional da Renovação Carismática Católica, Stadio Olimpico de Roma, 1^o de Junho 2014. Desde os primeiros séculos, muito antes da aparição das orquestras, vários Padres da Igreja, como Santo Inácio de Antioquia e Santo Atanásio haviam comparado a comunhão na Igreja como a harmonia dos cantores do coro.

¹² Mt 11, 29.

¹³ Jean-Noël Bezançon, *Dieu n'est pas solitaire*, Paris, DDB, 1999, p. 21.

¹⁴ Cf. St. Catherine de Siena, *Dialogue*, n. 148.

¹⁵ Lc 5, 4.

¹⁶ «Caminemos sob a guia do Espírito Santo ... Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e autodomínio» (Gal 5, 16.22-23). Não limitemos as nossas orações ao Espírito só para os momentos de tomar decisões ou para as nossas reuniões!

HÁ UMA MÍSTICA DAS FRONTEIRAS? QUE FRONTEIRAS TEM QUE ATRAVESSAR A VIDA RELIGIOSA?

Ir. Pepa Torres Pérez, Ap.C.J

Ir. Pepa Torres Pérez é religiosa da Congregação das Apostólicas do Coração de Jesus. É teóloga e educadora Social, professora do Instituto de Pastoral de Madrid. Mais informação em <http://pepatorresperezblog.blogspot.com>.

Apresentação preparada para o Encontro europeu sobre IMIGRAÇÃO E FRONTEIRAS, organizado pelas religiosas Auxiliadoras do Purgatório, em Maio de 2015, em Madrid.

Original em Espanhol

Para sobreviver na Fronteira você tem que viver sem fronteiras, ser uma encruzilhada. Gloria Anzaldúa

A reflexão sobre as fronteiras não pode ser algo asséptico nem neutral, mas que para referir-nos a elas e acima de tudo aos que arriscam suas vidas na tentativa de cruzá-las, obriga-nos a questionar-las e a tomar-nos uma posição vital. Portanto, o objetivo deste texto é ajudar a reforçar as nossas motivações no compromisso intercongregacional contra as fronteiras e ir mais além de sua compreensão como realidade física, geográfica ou política, pois constitui também um “locus” privilegiado nas quais novas identidades podem ser gerados: identidades fronteiriças.

As fronteiras e seu significado. A fronteira como identidade

As fronteiras são uma realidade tangível, física e política, que separam. Para muitas pessoas este é um obstáculo intransponível; para outros, são uma grande oportunidade. São lugar de violações dos Direitos Humanos e da morte, como está acontecendo no Mediterrâneo, cujas profundezas tornaram-se a maior vala comum do mundo. São também um símbolo poderoso da perversidade do capitalismo, que permite a livre

circulação de mercadorias, mas não as das pessoas, as que abandona à sua sorte no mar, negando-lhes acolhimento e ajuda humanitária, como infelizmente acontece todos os dias¹, ou destruindo acampamentos clandestinos onde as pessoas organizam-se para cruzá-los, como acontece no monte Gurugú na fronteira Sul da Europa²

As fronteiras são também um negócio, e não apenas da máfia, mas também dos estados, como tinha sido denunciado pela jornalista francesa Claire Rodier no seu livro *O Negócio da xenofobia*³. Há fronteiras visíveis como os 14 kms que separam Tânger de Tarifa, ou a vala e flâmulas de Ceuta e Melilla e *as fronteiras invisíveis*, mas não menos eficazes na sua perversidade e controle, tais como a criminalização da migração e sua estigmatização como ameaça da fortaleza Europeia ou bodes expiatórios para a crise. Uma poderosa fronteira invisível é o racismo institucional que subjaz por exemplo, nos ataques racistas, na exclusão sanitária ou no estabelecimento de fato da *cidadania de primeira classe*, aos indígenas e depois *de segunda ou terceira classe* aos migrantes⁴. Ver dados documentados em *III Informe de las Brigadas Vecinales de Observación de los Derechos Humanos (2012-2014)*, em <http://brigadasvecinales.org> y por la plataforma *Yo si sanidad universal*, em <http://sanidaduniversal.net>, mesmo que tenham a nacionalidade, como diz Hiba uma amiga marroquina que está mais de 20 anos na Espanha, *quando se deixa de ser estrangeira?* Fronteiras invisíveis tornam cotidiana a experiência de María Zambrano⁵, a filósofa de Málaga obrigada a migração forçada pelo exílio como tantas mulheres requerentes de asilo hoje:

“...E eu já sabia, que ao entrar em uma cidade, por muito piedosos que fossem os seus habitantes, por muito benevolente o sorriso de seu rei, sabia que eles não iam a dar-nos a chave para a nossa casa. Nunca ninguém aproximou-se de nós dizendo: esta é a chave para a vossa casa, vocês só têm que entrar.

Havia pessoas que abriram-nos a porta e sentaram-nos à sua mesa e ofereceram-nos agasalho e muito mais. Éramos hóspedes, convidados. Mas nós não pedíamos isso. Pedíamos-lhes para nos deixarem dar, porque nós tínhamos algo, que onde quer que fossem, eles não o tinham. Algo que somente tem aquele que foi lançado de raiz, o errante, que um dia encontra-se sem nada sob o céu e sem-terra, que tinha sentido o peso do céu que lhe sustem”

Mas as fronteiras também são um lugar da transgressão e desobediência à ordem injusta, espaços de resiliência e criatividade, onde a miscigenação, cumplicidade e formas alternativas de vida são gerados. São lugar da revelação de Deus, do anúncio de que o *amor existe* e encarna-se, descendo aos infernos humanos, como as fronteiras, em muitos aspectos, e por isso,

as fronteiras também são o grito de Deus diante do sistema estruturalmente injusto do nosso mundo. Assim que, o Deus cristão é um Deus fronteiroço, como afirma a teóloga Mercedes Navarro: “*Creio em Deus fronteiroço, que veste-se de margem e de beira nas noites de Madrid, París, Roma ou Nova Iorque, o Deus fronteiroço, ruandés ou bosnio, muçulmano, ou palestino.*”⁶ e eu acrescento, *que impulsa-nos e sustenta-nos na luta contra as fronteiras, porque nenhum ser humano pode ser ilegal.*

Portanto, remeter hoje à esta confissão de fé como vida religiosa, faz de nós *cidadãs das fronteiras*, não para legitimar-as, mas sim para suprimir-as como enclaves de sofrimento, de injustiça e de violência institucionalizada, como fez Jesus, paradigma de uma identidade fronteiroça.

Jesus: uma identidade fronteiroça

O Evangelho de Mateus narra a migração forçosa de Jesus e sua família ao Egipto fugindo dum genocídio decretado por uma lei injusta (Mt 2,14-15), como tantas famílias hoje no mundo. Jesus viveu sua existência num contínuo deslocamento, transitando fronteiras, não para legitimar-as, mas sim para superar-as e anunciar a universalidade da Boa Nova do Evangelho, transformando-as em *pontes e lugares de encontro*. Esta aventura vital leva-nos também a cruzar fronteiras e ficar atravessadas por elas.

Anos atrás, com um amigo vasco aprendí o significado da palavra “*mugalari*” em sua língua: as mulheres e os homens que à noite ajudam a atravessar fronteiras, eles, em vez de levantar valas e muros, erguem pontes. Mas para construir um ponte, *deve mover-se por donde estão profundas as roturas que separam.*

Também deve arriscar-se à vertigem que supõe o desafio das diferenças e discernimento entre a legalidade e a justiça e ir *mais além do que é politicamente ou religiosamente correcto*, quando o que está em jogo é a dignidade humana e a vida em abundância dos mais pobres entre os pobres, como os bispos espanhóis identificaram os migrantes no documento *Servidores dos Pobres*. Por eso construir pontes exige bases sólidas, uma identidade assumida e vivida não como uma realidade blindada mas como identidades abertas, nômadadas, com consciência de que o que nós somos nunca está fechada e que a dignidade humana está acima da legislação vigente e que *o direito a ter direitos*, independentemente de onde nascemos é uma forma de reivindicação e prática do amor na sua dimensão cívica e política.

Jesus é o *mugalari* por excelência, o medianeiro: “*Ele que de ambos*

os povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação, a inimizade, com seu corpo; suprimindo a lei com seus preceitos e cláusulas, criando assim em si mesmo uma só humanidade nova (...). Portanto já não sois estrangeiros, nem adventícios, mas concidadãos e consagrados da família de Deus (Efésios 2, 14,19). Assim, a hospitalidade aos imigrantes é uma das características em que a fé cristã faz-se verdadeira porque Cristo identifica-se com eles (Mateus 25, 41). Por isso as fronteiras são mais que um lugar. As fronteiras constituem uma identidade, que está transformando-nos em “passagem” em “ponte”, em *aproximação dos bordos e das diferenças* ficando configurada por estas. De acordo com José Luis Sampedro⁷, desde a compreensão da fronteira, bem como uma metáfora da humanidade, podemos distinguir dois estilos de vida ou até mesmo duas identidades: a fronteira e a central.

Segundo esse autor, a identidade fronteira é a que conta com o alheio, com a diferença como uma oportunidade e um desafio até apostar a vida nisso, porque por muita elevadas que sejam as fronteiras, não impedem ignorar o que existe mais além nem envolvê-lo na indiferença. A partir do centro, contudo “o próprio” torna-se o único mundo. A identidade fronteira é substancialmente ambivalente e tenso, porque oscila entre o original e o novo. Mesmo quando está esticada a partir do centro, a sua localização é o limite e, daí portanto, a sua abertura e dinamismo ao diferente e ao imprevisível. Em contraste, a identidade do centro, é mais estável, relutante e mesmo resistente à essa mobilidade, pois julga-a capaz de pôr em causa a essência do todo, da que se sente guardiã tradicional. Quando o seu poderio trasborda e se rende à tentação de cruzar as suas fronteiras, faz-o para violar-las, para expandir a sua jurisdição e impor a sua perspectiva e cosmovisão. Sua dinâmica é mais de conservação que de mudar, e muitas vezes preferem a injustiça ao invés da desordem.

Por outro lado, pensar sobre a realidade e a metáfora da fronteira a partir da perspectiva das mulheres, dá-lhes poderosas ressignificações políticas e simbólicas, pelas consequências com que muitas vezes são marcados os corpos daqueles que ousam cruzar-las⁸. Mas também a partir dos feminismos pós-coloniais, as fronteiras são percebidas como locais de ensaios e “amassadela” que nos desafiam a perder o medo do “impuro” e miscigenação, a “cruzar-nos” e cruzar. Por isso, atravessá-las e residir nelas militantemente, leva-nos a transgredir a sua lógica excludente e a abrir-nos à novidade que emerge em seus confins como cruzamento de pensamento, de cosmovisões, de afectos, de lutas e cumplicidades da vida. Neste sentido as autoras como Gloria Anzaldúa utilizam a categoria

“identidades fronteiriças”⁹ para referir-se à situação em que encontram-se muitas mulheres que vivem no cruzamento das fronteiras culturais, sociais, de gênero, raça, sexualidade e classe, e a necessidade de incorporar no nosso pensamento e na nossa práxis uma nova visão das diferenças, não ambos como fonte de divisão, mas como uma fonte de novas táticas e estratégias para combater o poder patriarcal, o racismo e a opressão econômica.

Também a vida religiosa nasce na Igreja, com vocação fronteiriça. Nasce por obra do Espírito e da liberdade humana, para servir ao Reino nas fronteiras do sistema, onde há fractura humana, e ser humilde sinal de que no coração de Deus, não existe dentro nem fora, não existe periferia. Essa é a nossa origem e sentido fundamental. Por isso a fronteira é o cenário vital da vida religiosa, e por isso a partir das fronteiras, a nossa identidade pode ir-se transformando também em *identidade fronteiriça*. Jesus é a identidade fronteiriça por excelência. A universalidade do amor experimentado e recebido em sua identificação com o Abba, arrasta-o para as fronteiras físicas (geográficas, políticas) e também religiosas e simbólicas do seu tempo para atravessá-las. Nesta aventura, com frequência Ele encontra-se com as mulheres que por sua situação de exclusão e sua capacidade de transgressão, desafiám-lhe a fazer-lo: a samaritana (Jo 4,5-42), a hemorroíssa (Mc 5,21-43), a siro-fenícia (Mt 15,21-28), a mulher do perfume (Lc 7, 36-39; 44-50) etc. Com elas salta a fronteira da legalidade e da “política e religiosamente correcto” sendo Ele mesmo afectado por esse cruzamento e referindo-se a elas como íconas da universalidade do amor compassivo de Abba. Da mão de duas delas, a mulher samaritana e a mulher siro-fenícia podemos ir descobrindo alguns elementos fundamentais para viver uma mística a partir das fronteiras.

Saltar fronteiras de mão da samaritana (Jo 4,5-42).

A primeira coisa que chama a atenção neste texto é a intenção de Jesus de atravessar Samaria, um lugar fronteiriço cultural e religiosamente falando que todo o bom judeu deve evitar para não ser manchado por sua impureza, mas Jesus não apenas que não tem medo de expor sua fé e sua identidade cultural ao diálogo com as diferenças, mas também procura-o. Não percebe a diferença como uma ameaça, mas como uma oportunidade de encontro e relação. Neste sentido Jesus rompe com tabus e preconceitos, com aqueles vistos como inimigos da fé ou da identidade cultural de Israel. Seu olhar transgrede os estereótipos dominantes e sabe captar o mistério da dignidade radical que está nas profundezas do coração humano e das culturas. Nem sequer tem medo de mostrar com simplicidade a sua própria verdade e vulnerabilidade partilhando a sua necessidade: *Jesus*,

fatigado e sentado à beira do poço, dirigiu-se à Samaritana e disse-lhe dá-me de beber ou o que é o mesmo, “Dê-me uma mão, eu necessito de ti para acalmar a sede de justiça e de fraternidade do nosso mundo” e fê-lo com confiança, dirigindo-se à mulher como iguais, sem nenhuma superioridade, sem preconceitos de raça, nem de religião, nem de sexo, independentemente do seu passado sombrio. É o tratamento livre de julgamento, a relação estabelecida desde as profundezas, a escuta e o respeito, o que vai revelando à mulher a sua verdade mais profunda e descobrindo-lhe as novas dimensões de si mesma e do mistério até ousar a perguntar-lhe “Onde, como dar verdadeiro culto a Deus? A resposta de Jesus quebra com todo exclusivismo religioso e cultural: Deus é adorado em espírito e verdade, ali onde emerge a autenticidade, a transparência, onde a verdade brilha, o mais autêntico do ser humano, o mais profundo. Não há um lugar ou um espaço privilegiado, mas uma atitude indispensável, uma posição existencial imprescindível: fazer-o em espírito e em verdade, e é possível para cada ser humano, cada povo e cultura da terra. Esta experiência de encontrô, transforma radicalmente a mulher e faz-lhe canal da misericórdia de Deus para a humanidade.

O encontro desta mulher com Jesus evoca uma primeira fronteira que a vida religiosa ainda temos pendente para saltar: A fronteira entre, o próprio, o ocidental como o melhor e como paradigma do humano, e o outro e a sua diferença (outra religião, outra cultura, outro continente, outra raça) como uma ameaça ou como subalterno, ou seja, viver juntos num mundo separados, segregados, em vez de, como dizem os zapatistas, *num mundo onde cabem muitos mundos* e tudo é interdependência.

Esta fronteira também tem a ver com a construção do comum a partir da diversidade. Ou seja, abrir-nos ao horizonte da mestiçagem em formas de ser e de fazer. Mergulhar-nos sem medo na cultura *do inter*, no prazer pela comunhão, que não é uma soma do idêntico, mas *tecer comunidade, a partir da diversidade de humanidade* que somos, reconhecendo-nos uns aos outros como irmãos, à imagem e semelhança de Deus, indivíduos com possibilidades, responsabilidades e direitos, independentemente de onde nascemos e, portanto umas vidas não podem valer mais que outras.

O Deus de Jesus é o Deus de relação, comunidade de amor. Por isso confessar-lhe e pôr em prática na história leva-nos a acolher a diversidade como sua epifania, para participar na *dinâmica vital do Inter*: o intercultural, o inter-religioso, o inter-geracional, o inter-congregacional, etc e a avançar em novas formas de vida e missão partilhada com outros e outras para responder *em comum* ao murmúrio de Deus nas pessoas e culturas mais

excluídas. Quem estamos fazendo este caminho nesta vivência experimentamos que nossas identidades não são diluídos mas expandem-se e e são enriquecidas através da incorporação de novos rasgos e elementos no diálogo com a alteridade, ao mesmo tempo que nos dá uma maior consciência de humildade e gratidão pelos dons recebidos.

Saltar fronteiras de mão da mulher siro-fenícia (Mt 15,21-28)

Jesus encontra-se com esta mulher transitando fronteiras. Numa fronteira geográfica, numa situação de fronteira existencial (aflição pela doença de sua filha) e numa fronteira religiosa e cultural (ela pagã, ele judeu; ela mulher, e ele homem). Jesus participa nos horizontes dos valores de seu povo para enfrentar a realidade, por isso inicialmente resulta-lhe inadmissível o comportamento desta mulher que irrompe na sua vida reclamando a cura de sua filha doente. A maneira que a mulher tem de aproximar-se à Jesus perturba-o pela transgressão envolvida. A mulher age de uma maneira que a partir do esquema religioso-cultural-androcêntrico judeu é inadmissível e que leva Jesus a acreditar e afirmar: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15,24). Poderíamos dizer que a princípio Jesus não entendeu a reivindicação desta mulher: “Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos” (Mt 15,26), por isso responde-lhe tão duramente. Responde-lhe com um introjeto aprendido, com um cliché, um tópico internalizado dentro do seu âmbito etnocêntrico.

No entanto, mais além desta primeira reação espontânea, a realidade concreta de carne e osso dessa mulher: a sua dignidade, o seu sofrimento, a teimosia e autenticidade que ela mostra em sua consciência de que a Boa Nova, precisamente se é de Deus, não pode ser monopolizada por nenhuma cultura ou religião ou sexo, mas que pertence a todos, amplia-lhe a sua visão da realidade. O que este encontro revela-nos de Jesus de Nazaré e também de nós mesmas, é que nenhuma identidade em si é fechada, mas que nós somos “identidades em processo”, “identidades em mudança” a partir do encontro com os e as diferentes e, especialmente, com os mais excluídos e as mais excluídas.

O texto mostra-nos a um Jesus que muda, aprende, modifica o seu marco de compreensão da realidade e da salvação. Sua identidade não é uma identidade fechada, mas em contínua modelagem pela realidade e pelos encontros com a gente através do qual o Abba revela-lhe novos matizes de sua misericórdia. A força argumentativa da realidade desta mulher com toda a sua dignidade e também o seu sofrimento e sua maneira de enfrentá-lo e procurar alternativas, *põe em crise* as estruturas

de compreensão de Jesus, mudou-lhe os seus esquemas. No Evangelho de Mateus, o encontro de Jesus com esta mulher marca um antes e um depois. Representa a fissura com o exclusivismo de Israel. Daí que os textos sucessivos a este, destacam sobretudo a nova ordem estabelecida por Jesus como uma ordem que rompe com toda fronteira e também com o elitismo religioso.

Em ambos os textos Jesus atravessa fronteiras religiosas, culturais e de gênero e faz isso com uma atitude de respeito absoluto reconhecendo *ao outro*, neste caso *às outras*, como *interlocutoras em pé de igualdade*. Procurando não o monólogo auto-referencial, mas o diálogo e nesse diálogo é essencial, a escuta e o deixar-se interpelar pela realidade do outro / da outra. O talante de Jesus não é a afirmação dogmática, mas o deixar-se ser afectado, desafiado no encontro relacional. O que mobiliza a fraternidade em Jesus é o sofrimento da gente e seu anelo de libertação, a dignidade quebrada do irmão ou da irmã, a lei interna da caridade (Rm 13,8.10). O mandamento do amor, para Jesus é a única lei. Toda a sua existência é obediência a um Deus que por ser amor e encarnar-se, concretiza-se em *desobediências ao desamor, a violência e a injustiça*, o seu *sim* está carregado de *nãos*. O nosso seguimento de Jesus é um *sim ao amor* e por isso exige muitos *nãos* em nosso nome e desobediência civil às leis injustas.

O encontro de Jesus com esta mulher pagã e estrangeira urge-nos a priorizar a dignidade da pessoa acima das leis e regulamentos, do dinheiro, dos interesses políticos e do mercado, porque o legal quase nunca é o justo e porque *nenhum ser humano pode ser declarado ilegal ou não ser um de nós*. Em definitiva urge-nos a recuperar a dimensão política do amor e em concreto a viver a acolhida, a hospitalidade e a comensalidade aberta também desde essa perspectiva e fazê-lo em conjunto a partir de uma cultura de rede compartilhando vida, lutas, sonhos, afeições e complicitades com aqueles que cruzam fronteiras e denunciam suas violências.

Desde as fronteiras lançam-se também vozes proféticas como a de Monsenhor Agrelo, irmão e bispo de Tânger, que recorda-nos que

“Aos crentes, a perversão desumanizada da fronteira obriga-nos a situar-nos nela para estar ao lado de suas vítimas. E a graça de Deus, a força do seu Espírito, unge-nos para que lá assumamos, como testemunhas de uma nova humanidade, as nossas responsabilidades para com os pobres e com o evangelho que nos tinha sido confiado para eles. A perversão destas fronteiras não é episódica, como não o são nenhuma injustiça, violência, exploração e prepotência que

transformaram-se em espaços de morte. Nossas fronteiras são cemitérios que nunca cerram-se; simplesmente ignoramos o qual será - e quantos vão a ser - o próximo nome ou o próximo número que terá que ser escrita em sua lista de mortos”¹⁰.

Por isso não podemos ficar fora da dinâmica de injustiça e violência do nosso mundo, mas como exortou-nos o Papa Francisco¹¹. A igreja e todas as comunidades que a constituímos, estamos chamadas à saltar fronteiras para significar o amor maternal e cuidadoso de Deus para com toda a humanidade. Mas enquanto o *cuidar, proteger, auxiliar, aliviar o sofrimento*, a maneira do Samaritano, são tarefas da vida religiosa nas fronteiras (Lc 10, 25-37). Também o são *denunciar, exigir, reivindicar que a libertação, os direitos humanos e sociais não podem ser patrimônio de uns poucos enquanto ao resto apenas são deixados migalhas*. Por isso como a mulher siro-fenícia, a vida religiosa necessitamos também ir mais além do politicamente correcto e assumir o *ministério de indignação e de denúncia, porque nenhum ser humano é ilegal* e a cidadania deve ser um direito universal, porque não há barreiras nem alambradas por mais afiadas que sejam suas concertinas, que podem deter a fome da gente, nem as suas lutas para a sobrevivência e, que mesmo dentro deles, atravessádo-lhes, Deus mostra-se-nos como “*o novamente encarnado*”¹².

Concluo com um poema com o qual cerramos uma protesta cívica contra *as devoluções em quente* no Dezembro de 2014, em Madrid. Lemos isto no contexto da desobediência à *Lei Mordaça*:

*Acolheremos
aqueles que vêm do mar ou saltam as barreiras
Arriscando suas vidas na tentativa.
Perdidos, feridos, espancados,
diante da indiferença globalizada daqueles que jogam golfe ,
impassíveis, desumanos ...
Diante daqueles que legislam ou acatam as leis
que pretendem fazer-nos novos escravos.*

*Acolheremos
com abraços e rebelião cúmplice
aqueles que chegam com olhar perdido, mas com bússola
em seu coração insone
e mantêm-se erguidos, apesar de tudo ...
Uma a uma acariciaremos suas cicatrizes
E sua dor e nossa memória será infinita
para aqueles que nunca vão a regressar,*

*engolidos nas águas ou mortos a pancadas,
enquanto na distância
ficam os braços vazios de tanto esperar.*

Acolheremos

*Aqueles que chegam e trazem sonhos de um mundo sem fronteiras,
como nós deste lado...*

de modo que haja apenas um lado.

E o nosso abraço será cúmplice e mais poderoso

do que os arames farpados

porque ao grito de “Bossa” os desmontaremos para sempre...

- ¹ Desde o encerramento da Operação Mare Nostrum em Novembro de 2014, a operação Tritón realizada pela Frontex dá prioridade à protecção das fronteiras e não ao resgate de vidas humanas. Cf. *Informe Derechos Humanos en la Frontera Sur, 2015*. Asociación Pro-Derechos Humanos de Andalucía
- ² Mais dados sobre o assunto em *Vidas en la frontera Sur*, Informe del Servicio Jesuita Migrante, 2014.
- ³ Claire RODIER, *El negocio de la xenofobia, ¿Para qué sirven los controles migratorios?*, Clave Intelectual, Madrid, 2013.
- ⁴ Ver dados documentados em *III Informe de las Brigadas Vecinales de Observación de los Derechos Humanos (2012-2014)*, en <http://brigadasvecinales.org> y por la plataforma *Yo si sanidad universal*, en <http://sanidaduniversal.net>
- ⁵ María ZAMBRANO, *la tumba de Antígona*,
- ⁶ Mercedes NAVARRO, *Siete palabras de Mercedes Navarro*, Madrid, PPC, 1996, 92.
- ⁷ Eu sigo nestas reflexões as idéias de José Luis Sampedro em seu discurso de posse na Academia Real da Língua, http://www.rae.es/sites/default/files/Discurso_Ingreso_Jose_Luis_Sampedro
- ⁸ Sonia HERRERA, *Atrapadas en el Limbo. Mujeres, migraciones violencia sexual*, Cuadernos de Cristianismo y Justicia, 187, Barcelona, 2013.
- ⁹ Gloria ANZALDÚA, “Los movimientos de rebeldía y las culturas que traicionan”, en AAVV, *Otras inapropiables. Feminismos desde las fronteras*. Madrid, Traficantes de sueños, 2004.
- ¹⁰ Santiago AGRELO, *Con Cristo contra las fronteras*; en <http://www.vidareligiosa.es/blogs/guantedeseda/>
- ¹¹ “Iglesia sin fronteras, madre de todos”. Mensagem do Papa para a Jornada Mundial do Migrante e do Refugiado 2015.
- ¹² San Ignacio de Loyola, *Ejercicios Espirituales*, Santander, 1990

Jubileu da UISG 1965-2015

A UISG celebra os seus primeiros 50 anos de vida ao serviço das Mulheres Consagradas no mundo. Em Dezembro de 1965, no encerramento do Concílio Vaticano II, o diálogo entre os Padres do Concílio e a Sagrada Congregação para os Religiosos (SCR) evidenciou a necessidade de um fórum internacional para as religiosas que estavam começando o processo de renovação. Desde o início, o objetivo da UISG foi aquele de criar um fórum internacional, para ajudar as religiosas a estarem em diálogo entre elas, com a autoridade da Igreja e com as organizações mundiais. O jubileu começará no dia **12 de Dezembro de 2015** com uma celebração eucarística em Roma, na Igreja de Santa Maria em Traspontina, celebrada pelo Prefeito da Congregação para a Vida Consagrada, o Cardeal João Braz de Aviz, e continuará até a Assembléia Plenária da UISG, nos dias 9 - 13 de Maio de 2016 em Roma. Nós desenhamos um logotipo para o Jubileu que pedimos-lhes de usar nos diversos materiais e estamos a preparar um livro sobre a História da UISG. É um momento de celebração, de agradecimento, de avaliação e de profecia para os membros da UISG.

“Uma nova visibilidade à UISG”: um escritório para a Comunicação

No primeiro dia de Setembro, nós calorosamente acolhemos Patrícia Morgante como membro do pessoal da UISG, ela é a Responsável da Comunicação, com a tarefa de “Fazer da UISG uma realidade mais visível”. Patrícia é leiga, educadora, conselheira, tem um BA em Ciências Sociais e um Diploma de STUDIUM (curso de dois anos sobre a Vida Consagrada). Ela trabalha no mundo religioso desde 2000, particularmente no âmbito da comunicação na vida consagrada feminina.

A comunicação, hoje, é parte integrante da nossa missão como mulheres consagradas: é importante aprender juntas o como, o donde e o modo para transmitir a nossa mensagem para o exterior da UISG, mas também ao interno da nossa organização, *“para construir pontes que encurtam as distâncias, os limites e as fronteiras, para dar aos membros a possibilidade de comunicarem-se umas com as outras, criar comunidade e viver em comunhão.”*

Os primeiros desafios da Comunicação são a preparação do Jubileu da UISG (1965-2015) e a próxima Assembléia Plenária nos dias 9 até 13 de Maio de 2016 em Roma.

Para facilitar o trabalho da Comunicação, nos ajudaria muito ouvir a opinião dos membros da UISG; vamos a pôr-lhes algumas perguntas e convidamos-lhes à enviar-nos as suas respostas e idéias diretamente ao e-mail do escritório:

1. Em sua opinião, o que ajudaria à um melhor fluxo de informações entre os membros da UISG?
2. O que você espera encontrar no site?
3. Estamos à procura de algumas palavras que sintetizam a identidade da UISG: a partir de seu ponto de vista, podia-nos sugerir três palavras que são significativas?

Agradecemos a sua colaboração!

Se na sua congregação você tem uma irmã encarregada da comunicação ou uma pessoa que tem uma habilidade especial nesta área, pedimos-lhe para comunicar-nos o seu nome e assim facilitar o intercâmbio entre o nosso escritório convosco.

Para contactar Patrizia Morgante no Escritório de Comunicação: *communication.uisg@gmail.com*; +39 0668.400.234; +39 328.0722672

O poder atraente das redes sociais: a UISG tem sua própria página no Facebook

Temos aberto uma página de facebook da UISG como um primeiro passo para diferenciar espaços de partilha à nossa disposição. Não vai ser a única, mas por enquanto esta ajuda-nos a observar as reacções dos nossos leitores e leitoras às notícias que publicamos. Gostamos de pensar na nossa página como um espaço que faça emergir a intercongregacionalidade, o interculturismo e a internacionalidade da nossa missão.

Aqui está o endereço:

www.facebook.com/UISGInternationalUnionSuperiorsGeneral.

Se você tem um perfil pessoal no Facebook você pode clicar LIKE para receber actualizações automaticamente, caso contrário pode limitar-se a ler a notícia publicada. Pedimos-lhe para convidar as irmãs de sua Congregação a seguir a página, partilhando a notícia nos seus canais de comunicação.

Secção de Língua Francesa

Estamos muito contentes em acolher um novo membro da equipe para a secção de língua Francesa da UISG. Ir. Laurence Zaninka AP de Ruanda, uma religiosa da Companhia de Auxiliadoras, que vive em Itália

desde muitos anos. Ela tem uma licenciatura em Ciências com particular incidência na formação no contexto da vida religiosa e em teologia moral da Faculdade de Teologia Setentrional (Milão). Escreveu a sua tese sobre a educação das novas gerações na vivência da virtude da castidade, assim como a justaposição da castidade / sexualidade na vida religiosa feminina contemporânea.

Ir. Laurence foi durante muitos anos acompanhante das religiosas, em colaboração com o Centro de Vocações da diocese de Milão. Ela visitou a África, durante os últimos 10 anos, ajudando várias congregações para estabelecer os processos para a formação, educação e acompanhamento de novos candidatos para a vida religiosa e sacerdotal; também para acompanhar religiosos, religiosas e comunidades. Além disso, estava envolvida na formação, acompanhamento e supervisão dos formadores em alguns países africanos e na Itália. Ela tem colaborado com os jesuítas na Itália em dar os Exercícios Espirituais.

Projeto Migrantes da UISG: Religiosas na estrada

Com grande alegria no dia 5 de Outubro demos as boas vindas à dez religiosas do Projeto Migrantes que, provenientes de diferentes países, culturas e carismas, constituíram a primeira comunidade inter-congregacional, inter-cultural e internacional da UISG na Sicília. A comunidade será dividida em dois grupos entre a Diocese de Agrigento e Caltagirone, a sua missão vai ser de “ponte” entre a comunidade local e os migrantes. O grupo realizou dois meses de formação em Roma antes da partida (em Dezembro de 2015) sobre diferentes aspectos: a construção da comunidade (community building), as línguas italiana e inglesa, as características e causas do fenómeno migratório, a realidade local siciliana. A irmã Elisabetta Flick responsável do Projeto Migrantes da UISG, diz: *“À nós nos foi proposta pelo Cardeal Montenegro, uma atenção especial para aqueles que estão na rua, ir até eles, trabalhar e criar um ponte entre o estrangeiro e as pessoas do território para uma tela de relação e comunhão. Fomos convidadas para abrir comunidade internacional a fim de facilitar o relacionamento com os migrantes, de não parar-nos na solidariedade do primeiro acolhimento, porque precisa de mais um passo para o enriquecimento mútuo e o reconhecimento mútuo em outras culturas. A própria comunidade em si, é um exemplo de que é possível viver juntas na diversidade.”*

Três Religiosas, representando a UISG, participaram no Sínodo sobre a Família (4-25 Outubro de 2015) como auditoras.

Papa Francisco escolheu três religiosas para representar a UISG no Sínodo. Elas são as seguintes: a Presidenta da UISG, **Ir Carmen Sammut**, MSOLA (Malta); **Ir. Maureen Kelleher**, uma Religiosa do Instituto do Sagrado Coração de Maria (EUA) e **Ir. Berta Maria Porras Fallas**, uma Terciária Capuchinha de Costa Rica. As três religiosas levaram a voz das mulheres consagradas ao Sínodo e partilharam as suas experiências missionárias únicas em várias áreas - educação, o diálogo inter-religioso e direitos humanos. No dia 26 de Outubro, a Irmã Carmen compartilhou suas reflexões sobre o Sínodo dando a sua perspectiva a partir do banco de detrás! O arquivo de áudio da palestra de Irmã Carmen está disponível. Por favor contacte communication.uisg@gmail.com para obter informações sobre como fazer o download do arquivo.

Comissão de Saúde da UISG – USG

No dia 7 de Outubro, na sede da UISG foi realizada a conferência “Leigos e Religiosos: além da necessidade. A transmissão do carisma “. Com a presença de cerca de cinquenta entre leigos e religiosos que, em várias capacidades, estão trabalhando no campo da Pastoral da saúde. Os objetivos da reunião: a escuta de experiências significativas na transmissão do carisma aos leigos; e a sua execução; a identificação dos pontos-chave de experiências para favorecer sua replicação criativa. Como diz o padre Pino na sua mensagem de início: “Entre os problemas comuns da vida religiosa hoje, e especialmente para nós que trabalhamos no mundo da saúde, está o desafio que afeta as nossas obras porque tornam-se mais e mais instrumentos de evangelização e não somente de serviços sociais”. Para entrar em contato: dgiusti2008@gmail.com

Talitha Kum: Projecto da UISG Contra o Tráfico de Pessoas

“Menina, eu te digo, levanta-te”. Irmã Gabriella Bottani, coordenadora do projecto Talitha Kum da UISG, deu uma palestra durante o Simpósio Internacional sobre o Cuidado Pastoral aos Da Rua / Da Estrada, realizada em Roma, no mês de Setembro. “Talitha Kum” é uma frase poderosa. Chama a atenção para o poder transformador da compaixão e misericórdia. Desperta-nos do sono da passividade, da resignação e da indiferença. O projecto Talitha Kum também foi apresentado durante o Encontro Mundial de Jovens Consagrados, realizada em Roma para Ano da Vida Consagrada. Voluntários organizaram pequenos encontros em diferentes linguas sobre

o Tráfico de Pessoas para cerca de 400 jovens consagrados, sobre os efeitos, causas e características de um fenômeno crescente que destrói a dignidade dos seres humanos. As religiosas que trabalham em Centros de Refugiados ou Prisões compartilharam com os participantes o sofrimento das pessoas traficadas que conheceram eo testemunho maravilhoso quando algumas delas são capazes de construir uma nova vida.

Irmã Gabriella pode ajudar-lhes a unirem-se com outros religiosos na rede Talitha Kum na sua parte do mundo. Se você estiver interessado por favor contacte-la no seguinte e-mail: uisg_talithakum@yahoo.it

A Comissão do Diálogo Inter-Religioso da UISG-USG

A Comissão realizou o terceiro evento sobre diálogo no dia 3 de Outubro, na Casa Geral dos Padres Passionistas em Roma. O orador foi o arcebispo Michael Fitzgerald, que passou muitos anos como Secretário do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-Religioso. O título de sua palestra foi *Nostra Aetate: Um Guia para o Diálogo Permanente*. Ele apresentou as origens e o conteúdo do documento *Nostra Aetate*, e, em seguida, passou a apresentar o trabalho do Conselho Pontifício criado para promover a nova visão incorporada neste documento. Ele também concentrou-se noutros documentos produzidos por este dicastério para o diálogo. Com base à sua vasta experiência neste campo, o Arcebispo Fitzgerald falou sobre a importância do diálogo em muitos níveis diferentes e sugeriu que “a construção de relacionamento” pode na verdade ser um termo mais útil quando se refere às muitas maneiras na vida cotidiana que as pessoas de diferentes religiões vivem e trabalham juntos. Uma cópia do seu discurso está disponível em Inglês no escritório da UISG: uisgital@uisg.org.

Outras Notícias da UISG

A Secretária Executiva, Ir. Patricia Murray IBVM, e membros do Comitê Diretivo da UISG participaram numa série de encontros de religiosos durante estes últimos meses. Estes encontros incluíram a Assembleia da CLAR (Bogotá); a Assembleia da LCWR (Houston); o Colóquio dos Chineses Católicos Europeus (Varsóvia); a conferência sobre “A Chamada Global da Vida Religiosa Hoje”, no Centro para os Estudos da Vida Religiosa (Chicago). Todos estes encontros foram momentos importantes para reflectir sobre as diversas maneiras em como as religiosas e os religiosos estão vivendo a natureza profética de sua vocação em diferentes contextos.

Adeus a Irmã Jacinta

Na Segunda-feira, dia 26 de Outubro de 2015, partiu para a vida eterna, a Irmã Jacinta Schoenmakers MJM, que durante trinta anos foi colaboradora e tradutora da língua holandesa na UISG em Roma. Irmã Jacinta tinha 84 anos e sofria dum tumor ósseo. Todas nós lembramo-nos dela com afecto e gratidão e oremos ao Senhor Jesus para que a receba no seu abraço.

Actualização Importante do Staff da UISG

Recentemente, o Comitê Diretivo da UISG tem concluído um exercício de planificação estratégico e de uma avaliação sobre as necessidades do pessoal. No interior deste boletim, você verá uma lista da equipe actual com suas áreas de responsabilidades e seus endereços de e-mail. Nós convidamos-lhes a entrar em contacto directamente com estes membros da equipe, se tiverdes qualquer dúvida em relação ao boletim, ao material de arquivo, à comunicação, às finanças, etc. *Quaisquer dúvidas ou questões relativas à adesão como membro da UISG, devem ser enviadas para Rosalia Armillotta.* Também podeis contactar directamente as responsáveis das várias áreas linguísticas com questões gerais que possam ter. Esperamos que esta reestruturação vai ajudar a prestar um melhor serviço para vocês - os membros da UISG no mundo inteiro.

STAFF DA UISG

Nome	Função	E-mail - Telefono
Sr. Patricia Murray, ibvm	Secretária Executiva	uisgseg@tin.it 06 684002 36
Sr. Elisabetta Flick, sa	Vice- Secretária Executiva	elisabettaflick@gmail.com 06 684002 48
Rosalia Armillotta	Assistente da Secretária Executiva Secção Italiana	uisgital@uisg.org 06 684002 38
Svetlana Antonova	Administradora de Finanças	uisgecon@tin.it 06 684002 50
Patrizia Balzerani	Assistente Administradora de Finanças	uisguff@uisg.org 06 684002 49
Patrizia Morgante	Responsável de Comunicação	communication.uisg@gmail.com 06 684002 34
Antonietta Rauti	Responsável de Boletim UISG	uisgboll@uisg.org 06 684002 32
Sr. Gabriella Bottani, smc	Coordinadora "Talitha Kum"	uisg_talithakum@yahoo.it 06 684002 35
Sr. Cecilia Bayona, osa	Arquivista	uisgarch@tin.it 06 684002 42
Sr. Fabiola Gusmão, H.Carm	Coordinadora "Regina Mundi in Diaspora" Secção Portuguesa	uisguff@tin.it 06 684002 31
Sr. Anna Sanchez Boira, mhshn	Secção Espanhola Diseñadora Grafica	uisgspan@uisg1.tuttopmi.it 06 684002 33
Sr. Laurence Zaninka, sa	Secção Francesa	uisgfrancese@uisg.org 06 684002 30
Sr. Nadia Bonaldo, fsp	Webmaster Vidimus Dominum	n.bonaldo@paoline.it

Por favor, note que os e-mails da equipe vai trocar-se no futuro previsível quando lançamos o nosso novo site - por isso verifique as mudanças quando o site é lançado e no próximo Boletim.